

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 64

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua de República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 8 de Fevereiro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesse
R. DE PAIO GALVÃO

CONSIDERAÇÕES VÁRIAS

Quando nos põmos a pensar na diatribe irritante que subsiste na sociedade portuguesa, sobretudo em certos recantos de Portugal onde não chegou ainda, em materia politico-religiosa, um pouco do ar libertador que já vão gosando os habitantes de Lisboa e do Porto, não podemos deixar de nos lamentar por termos sido fadados para viver numa acanhada terra de provincia, sem visíveis tendencias para mudar de costumes e abraçar as doutrinas que a nossa época prescreve e aconselha.

Volvem-se os anos, a vida passa sem que um clarão de esperança em melhores dias illumine o estreito horizonte que nos cerca. Sempre a mesma attitude bronca, estupidamente esmagadora, intoleravel, assim nos homens como nas coisas. Dir-se-ia que o destino nos condenou a uma vida ininterruptamente cortada de pesares: uns provindos do modo de vêr imbecil e inconsciente de muitos individuos a quem o sol da civilização entonetece e acabrunha; outros derivados das proprias coisas, que, estando pela sua natureza dependentes da vontade dos mesmos individuos, têm necessariamente de conservar a feição que éstes lhes queiram imprimir.

E' grande por aí o atrazo mental. Mais: o ar que respiramos ainda está, como ha tempos, infeccionado por exalações suscepietas, que podem provocar doenças terribes, doenças incuraveis. E o certo é que, até aquêles que estão na disposição de lutar para se conservar indémnes, talvez não escapem, mais tarde ou mais cedo, aos horrores de maléficas enfermidades...

E' vulgar vêr-se quem-quer, mesmo quem-quer, à mesa dum café, sob a fumarada densa do tabaco e obedecendo inalteravelmente a uma condenavel levianidade, que só pôde justificar com o pouco aprêço em que tem o seu proprio eu moral, fazendo e desfazendo reputações num abrir e fechar de olhos.

Esse quem-quer, deve dizer-se, é muitas vezes o individuo que só tem a recomendá-lo uma coisa: a sua posição, isto é, o seu logar de destaque na trapeira social... Mas as multidões — ai, as multidões! — que no sopé do elevadissimo edificio moirejam incessantemente e ingratamente na ancia de adquirirem o indispensavel para a sua subsistencia, queimam ali todo o incenso de que podem dispôr para que perfumado seja o trôno do despota a quem o acaso alcandorou no palacio comum.

Pôde a feliz criatura ser o prototipo da imbecilidade e da maledicencia; pôde falsear descaradamente a verdade e argumentar por forma a meter os pés pelas

mãos, que as multidões, eternos capachos dos senhores, permanecerão firmes na crença de que as suas palavras são um Evangelho inatacavel, embora tenham de sofrer-lhe as múltiplas e naturais consequências...

Daqui provém o apatrecimento, nos pequenos meios provincianos, dos homens que fazem opinião, que estabelecem correntes favoraveis ou desfavoraveis não só acerca dum dado acontecimento, mas ainda acerca do caracter individual de qualquer cidadão. E como, pelo visto, nem só certas peças que sobem pela primeira vez à scena, precisam, para acreditar-se e seguir carreira, dum boa claque que em fortes estraladas de palmas patenteie ao orbe que tal ou tal drama ou comedia é uma obra genial, succede que os homens que fazem opinião são sempre rodeados por individuos que ignobilmente se prestam a aplaudir-lhes a maledicencia e a assegurar-lhes um justo rendome...

A' República incumbe o devêr de, mais que politicar, educar as multidões e fazer com que estas se não submetam com a extrema facilidade que ora notamos ao predomínio intoleravel decertas criaturas que acintosamente buscam manchar, deprimir, abocanhar aquêles que não estão resolvidos a comungar o que se permitem chamar o seu ideal, pois talvez seja um crime empregar esta expressão para designar o seu reaccionario modo de vêr.

Querêmos uma República retintamente democrática, porque não o sendo, hêmos de concordar com Max Nordau: ha Repúblicas, que o são, só pelo facto de estar vago o logar do rei.

A Democracia pôde oferecer notaveis vantagens a um povo que se libertou da tutela monárquica; quer-nos até parecer que elas seriam de molde a fazer com que, a breve trecho, desaparecêsem da face da terra quantos bajuladôres existem, e, com êles, os que vulgarmente fazem opinião.

E não suponham que esta conquista seria mênos valiosa: o caracter individual ainda é, e ha-de ser sempre a causa determinante de todos os bens e de todos os males sociais.

R.

No proximo numero
Impostos Municipais
Desvio de agua
Movimento do registo civil
Hospital da Misericordia
Associações de Socorros



E viverá!...

Duras provas tem experimentado a Republica. Agitados teem sido os 19 meses de vida que o novo regimen conta, afirmando-se nesses embates aquela verdade tantas vezes por nós infiltrada no ouvido duro dos contrarios de ao pé da porta:—que nada podem contra êle os seus inimigos. O caso do arsenal e mais o caso das chinezas; as grêves dos caminhos de ferro e outras grêves continuas e embaraçosas; especulações de sairosas no parlamento e perturbações na rua; oscilações ministeriaes e, por ultimo, esse arremêdo insensato de revolução sindicalista — tudo, emfim, foi impotente e antes serviu a demonstrar que a Republica viverá. Para que, haveis pois, de manter esperanças dos bandos alcantilados pela raia gallega?

Nada podem contra a Republica os seus inimigos.

Bem vindos!

Visita esta cidade no proximo dia 11, domingo, pelas 11 1/2 horas, a Tuna Academica-Portuense, composta de 30 e tantas figuras, sendo acompanhada pelo reitor Julio Victoria e por cem academicos daquela cidade, havendo receção na camara. Noutra logar damos o programa do sarau, o qual, além da parte musical, será preenchido por lindas comedias e recitativo, que, sem favor, bem merecerão os aplausos da nossa plateia, pois a mocidade, sempre garrida e intelligente, saberá proporcionar-nos, estamos certos disso, uma noite alegre e bem passada — coisa de que tanto anda falha a familia vimaranense.

A giz

Têm alguns números da «Alvorada», como, por exemplo, os ultimos, tido um successo de leitura muito lisongeiro para nós. Pois esse facto que devia contribuir para a sua venda avulsa (20 réis), é esta absolutamente negativa; e isso explica-se pela velha costumeira de ir-se lêr o jornal — ao visinho. Como se estas emprezas se mantivessem por simples devaneio dos sentidos e não custassem, além dos recursos da intelligencia e da vontade, dinheiro, «massas»!

O verdadeiro inimigo

Por carta dum official do 20, que se encontra destacado em serviço na fronteira, sabe-se que o mais autentico e o mais feroz; o mais decidido e o mais terrivel inimigo que se lhes deparou por aqueles sitios serranos — sabem qual foi?

—O Couceiro e as suas gentes aguerridas? Não. O mais feroz, o mais terrivel inimigo — é o frio!

Com êle e só com êle se teem os nossos soldados de bater.

Escola agrícola

Cumprimentâmos nesta redacção o sr. David Leonardo Nunes da Mata, director da missão agricola «Conde de Agrolongo», actualmente em Santa Eulalia de Fermentões, deste concelho.

Devemos, todavia, informar que esta missão está funcionando num casebre indecente e, o que é peor, quasi sem concorrência. Sabe-se que esta apostolisação tendente ao progresso da lavoura tem contra si um grande e velho inimigo que se chama — a rotina, irmã gémia da ignorancia; mas que auxilio, que genero de coadjuvação tem sido dispensada a essa missão que entre nós foi instituída por esse grande benemerito?

Não extranhem que dirijâmos estas considerações á douta Sociedade Martins Sarmento, pois é a esta corporação de instrução popular a quem, mais do que a ninguém, compete velar e prestar auxilio á missão agricola tão abandonada das atenções locais.

POR NÓS, OU CONTRA NÓS?

O Centro Republicano de Guimarães, comemorando, como de seu dever, a passagem anniversaria da primeira revolução republicana, e que se ficou chamando do 31 de Janeiro, não se esqueceu de convidar, como convinha, as colectividades locais, para que, desta fórma, a solenição revestisse o caracter que no presente tem para o país essa data historica de revolução popular e politica. Escassa foi, sem duvida, lastimavel é dizê-lo, a representação dessas colectividades. Algumas, todavia, deligenciando revelar cortezia, responderam ao officio-convite; e querem saber como? — Declarando que não se associavam a manifestações politicas! Acomodaram-se dentro desta resposta as associações de classe dos Alfaiates e Costureiras, dos Cortidores e Surradores, dos Fabricantes de Calçado e não sabemos se mais alguma.

Pois fizeram mal! Já aqui expozemos leal e sinceramente aos operarios a nossa maneira de ver sobre o assunto, e que consiste em saber distinguir manifestações de politica partidaria de manifestações nacionais.

Foram ainda ha pouco as associações com os seus estandarres esperar o cidadão Antonio José; pois nós, que muito prazer tivemos em ver o caudilho da Republica festejado, logo dissemos aos operarios, censurando-os:—Nada de manifestações de partidarisimo politico... quer sejam por Antonio José, por Afonso Costa, por Camacho ou outro!

E' que, falando desta maneira, estavamos dentro do principio aconselhado, e que consiste em não abrir dentro das agremiações operarias o conflito terrivel e dissolvente das lutas partidarias. Não é porém este o caso da solenição anniversaria do 31 de Janeiro. Esta data, que foi uma grande afirmação de brio e de caracter civico do povo português, não pertence sómente á gloria dum partido, visto que a ideia da Patria que lhe é correspondente não cabe nem se cinge a um partido, pois vive na alma da Nação.

Chamem, embora, nós concordamos, á revolução de Janeiro uma revolução politica; mas o que devem distinguir, se é que querem ser justos, é que a afirmação politica dessa data não afrontou antes serviu para dar força á causa em que o operariado se encontra empenhado. Mas está bem. Compreendam-no como quizerem. Só queremos perguntar aos operarios se êles, repudiando o facto historico desta data nacional, ou, por ontra, se êles, não sentindo a grandeza civica desse acontecimento, são contra a Republica.

Se são, digam-no, porque queremos saber de futuro como os havemos de tratar.

Lembramos-lhes, entretanto, que aos seus interesses de classe não faz mal que sejam mais oportunistas reparando e vendo que quanto mais ao presente se mostrem afastados da Republica, mais, sem talvez o saberem, se aproximam do passado, onde por certo não se encontram as seduções dos programas do socialismo igualitario.

Vejam os operarios em que querem ficar!...



João das «Doutrinas»
percebe... de relojoaria!

GLORIA AO ARTISTA!

Já temos relógio! Já ha relógio! Viva o «Doutrinas»! E estes brados de alegria popular, e estes ecos de satisfação publica vibraram, correram barreiras fóra, no domingo, alta noite, com a impetuosidade e força duma mola d'ago que, comprimida em mil voltas, um momento se largasse cabriolando no espaço.

Já temos... já há... viva o «Doutrinas»!

Foi, como nem podia deixar de ser assim, um successo, pois a verdade é que já a coscovilhice embocada e solerte fortemente barafustava — que o relógio fazia falta! que «de fóra», viesse alguém compôr o relógio! que o «Doutrinas», dava cabo do relógio — o diabo! Nada valia ao artista: nem a fama larga da sua officina estreita, nem o credito cidadão da sua freguezia rural. Para todos era ponto seguro que mais facil era enlouquecer o mestre que o mestre pôr o relógio a dar as 24 officiais!

Terrível problema!
Grave solução!

Se o acaso deparou alguém — o que é discutível! — que abonasse o saber do «Doutrinas», relojeiro, esse alguém por sem duvida que foi corrido, sob a dura accusação de não saber nada — de segredos de relojoaria.

Depois, a reforçar a opinião, a corrente de desfavor contra o mestre tão fulado, lá vinha a imprensa viperina — nós não fomos! — clamando que se entregasse aquilo a quem percebesse daquilo, pois era evidente que o homem não percebia nada... daquilo. Uma calamidade! Entretanto o desconceituado e desfavorecido relojeiro imerso na sua modestia comprometedora, lá andava ás voltas com a engrenagem complicada do grande relógio da torre, ora limando um parafuzo, embarricado na sua officina-boeceta, ora forjando uma roldana, sujo e esquelido, sem duvida minado pelas vigílias das longas noites em que a sua memoria levava 'té á letargia dos sonhos, montando e desmontando as peças do publico e popular relógio. Quantas noites — ó noites de ven-

tura! — ele julgava ouvir o martelar das horas... 13, 14, 15, 16, etc., e, na gloria do seu triumpho, como ele se orgulhava antegosando os aplausos da multidão embasbacada e confundida, olhando, de nariz no ar, o velho relógio da torre adaptado, emfim, á nova hora, martelando, cadenciado e certo... 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24!

Quantas noites! Foi neste desencadear de tormenta, entre a incerteza e a vitória, que para o modesto artista da nossa terra se passaram interminaveis dias, noites e semanas, sentindo que na rialidade não era no sino que o malho de ferro vibrava as horas enciadas, mas na sua propria cabeça, tão atordoantemente despertada, olhando e vendo sobre a banca da officina a engrenagem desconjuntada e inutil e no mostrador da torre, lá no alto, os ponteiros pendentes e inanes como se os braços de um enforcado fossem.

Isto, porém, tinha que acabar — era de mais! — e assim é que, no domingo, quando uma tenebrosa tempestade enchia mais ainda de pavoros o inigma do escuro, eis que o relógio da torre da Oliveira, repassadamente, ritmicamente principia pingando sobre o adormecido burgo... 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, uf!

Foi um sobresalto!

Foi um alegrão!

Ninguém queria acreditar — incredulos! — que fôsse o relógio a bater horas. Aventava-se que fôsse tocar a rebate. Mas logo se esclareciam dúvidas por este raciocinio: Era o «Doutrinas», o relojeiro, que, alcandorado na torre, pela sua propria mão estava martelando as horas para que a illusão do seu invento fôsse mais completa!

Ingrata gente que, teimando em não dar a mão á palmatória, não quer reconhecer — o que é só justiça — que o «Doutrinas», é um relojeiro autentico, um relojeiro que percebe de... relojoaria!

C.

João Franco

E OS

Caixeiros de Guimarães

Já sabem, — não é assim? — o que se passou ali na Associação dos Empregados do Comercio, há semanas, onde o retrato do ditador sofrera auto de fé, acusado, por votação da assembleia geral,

como mystificador da classe. Este facto, já aqui o disseramos e comentáramos, desagradou e, mais que ter desagradado, irritou a opinião dos «amigos» politicos desse epiletico que, nesta terra, única, é tido ainda como o «orago», o «fetiche» das suas consagrações — não já, como pretendem fazer acreditar, por gratidão, mas apenas por uma obstinada tei-

mosia dos sentidos. Mas adiante.

Passou o assunto a pertencer ao dominio e paixões do publico, como diziamos, estabelecendo-se desde o primeiro momento uma corrente de revanche contra a deliberação da assembleia... iconoclasta. No domingo preterito, as salas, corredores e largo fronteiro á associação dos caixeiros, entraram de animar-se de concorrencia. O caso teve, por esta forma, ares de acontecimento com galerias á cunha. Prediziam-se hipóteses de murro e sangue. Farejava-se, numa palavra, grosso escandalo. Assim foi, de verdade.

Os socios extraordinarios, que é a categoria a que passam os caixeiros que ao patronato sobem, caíram ali para vingarem o atentado... «franquissida», visto que o velho estatuto os deixa a eles, patrões, meter «bico» nas deliberações da caixa. Há destas anomalias. Abertas, nestas circunstancias, as torneiras da discussão, vai-se esta alastrando intensa e viva, rumorejante e animada, e, subindo de ponto, vai até ao protesto vivo, á tempestade acesa 'té á intervenção da policia! E para que tanto aranzel e banzé? Para se chegar ao resultado de a sessão ficar adiada, na impossibilidade de os tais socios extraordinarios poderem vencer a bravura de meia duzia de moços... com sangue jacobino.

O que achamos interessante no meio de tudo isto não é a pugna dos rapazes; o que nos distrai e diverte são esses senhores comerciantes e mais cavalheiros que se foram postar em frente ao edificio e nos corredores daquela associação, comentando o grave e negro feito. Vale um estudo a psicologia desses caturras!



Centro Republicano

Pela direcção do Centro Republicano, foram convidados os srs. A. L. de Carvalho, Serafim Rodrigues e José Rocha, a remodelarem os estatutos deste Centro.

Senhora da Luz

Devido ao mau tempo, ficou transferida para Domingo de Pascoela a romaria de Nossa Senhora da Luz, que se venéra numa capelinha situada no cimo do monte assim denominado, na freguezia de S. Miguel de Creixomil.

Grupo Musical Recreativo

Realizou-se no dia 21 do mês passado a eleição dos novos corpos gerentes do Grupo Musical Recreativo dos Empregados no Comercio e Industria, dando o seguinte resultado:

Presidente, Augusto D. A. Teixeira Bailarico; vice-presidente, Virgílio Carvalho; 1.º secretario, António Nogueira; 2.º idem, João Costa; Tezoureiro, António Pereira de Lima.

Cinematografo

Consta-nos que voltará brevemente a funcionar no Salão Artístico Vimaranesense o cinematografo Etoile.

Espectaculos

Realizam-se dois espectaculos no dia 18 e 20 do corrente, no Salão Artístico Vimaranesense, por um grupo de briosos rapazes amadores, desta terra.

Subirão á scena as engraçadas comédias de grande gargalhada *Os Milagres do Carvalho Santo e Prás Eleições*.

Os espectaculos serão seguidos de Baile de Mascaras, sendo conferido um prémio em ouro ao melhor par que se apresentar.

Íntimas

Esteve nesta cidade o ilustre deputado por este circulo sr. Dr. Eduardo de Almeida.

— De visita a seu extremoso pae, que se encontra gravemente doente, encontra-se nesta cidade, acompanhado de sua irmã, o nosso presado amigo sr. Mário Corrêa, empregado na cidade do Porto.

Sociedade Protectora dos Animais

AOS PROFESSORES

Ex.º Sr.

A Sociedade Protectora dos Animais vem rogar a V. Ex.º o concurso dos seus bons officios em pró do fim caridoso, que é a sua divisa.

Estando confiada a educação scientifica da infancia á incontestada proficiência de V. Ex.º, é certo que nos programas pedagogicos se compreende o caminho e o amor que a humanidade tem o dever de dispensar aos animais, poupando-lhe sofrimentos inuteis, criando, desenvolvendo e protegendo os que são auxiliares indispensaveis do homem, das suas industrias, culturas e civilização, mas nunca é demais insistir em tão nobres e levantados intentos, e por isso esta Sociedade espera do levantado zelo e patriotismo de V. Ex.º a sua valiosa e eficaz cooperação.

A infancia é o terreno virgem em que medram exuberantemente as sementes das ideias ahí lançadas. Façamos boa cultura; ensinemos aos vindouros as ideias do bem. Corrijamos a defeituosa tendencia de pôr de parte o sofrimento alheio, e mormente o dos pobres animais. A vida tem muitas agruras, muitas dôres que não podemos evitar; não vamos augmentar esse caudal de amarguras com o nosso egoismo, com o sofrimento e maus tratos áqueles que têm tanto direito á vida como nós! Se um lar é o santuario da familia, sobre que desce a benção da humanidade para o desenvolvimento de futuros cidadãos prestimosos, um ninho é o lar de pobres avesinhas que hão-de mais tarde alegrar-nos com os seus canticos, e cuidar das nossas searas, limpando-as dos parasitas que as destroem! E que pedem esses entes fracos e inofensivos? Que pêso fazem na balança economica do homem? Só pedem que as deixem viver, cantar os seus amores, e buscar o sustento no que só é prejudicial para o homem! Abominavel crueldade a de destruir um ninho! E, em geral, os carrascos das aves uteis, são as crianças innocentes a quem se não fez compreender a crueldade do sofrimento alheio e o amor universal.

Como este, milhares de exemplos se nos deparam a cada passo, e que escuso de apontar ao esclarecido e alto critério de V. Ex.º, e, certo da valiosa cooperação e boa vontade em attendêr este pedido, desde já me confesso grato a tão mentorio favor.

Saude e Fraternidade.

Guimarães, 25 de Janeiro de 1912.

O Presidente,

Antonio Emilio de Quadros Flores.

Grupo Defeza da Republica

Comitê de Guimarães

Convite

Reune em 11 do corrente, no logar do costume, ás 18 horas.

Descanço nas farmácias

No proximo domingo encontra-se aberta a do Hospital.

Tuna academica dos liceus do Porto

Programa do sarau promovido pela Tuna Academica dos Liceus do Porto, no Teatro Afonso Henriques, ás 20 e meia horas do proximo domingo.

1.ª PARTE

Portuguesa, hino nacional, de Alfredo Keil, pela tuna.

Hino academico, de A. Nell de Medeiros, pela tuna.

Discurso de apresentação pelo distinto professor do Liceu Rodrigues de Freitas, ex.º sr. dr. Alfredo Magalhães.

Viva Guimarães, passe cale, do estudante Elisio da S. Matos, pela tuna.

Sphinx, valsa do maestro Pope, pela tuna.

Palhaços, do maestro Leoncavallo, pela tuna.

2.ª PARTE

Fados por Eurico F. Alves. Monologos por Alvaro M. Queiroz.

Serenata, solo de violino acompanhado a viola franceza do sr. J. J. Figueiras, chefe de musica da Guarda Republicana do Porto, executada por Marcos A. Mattos e Alvaro Cochefel.

Duo para violino, Op. 19; Liv. 2 de J. B. Viotti. Alegro concerto n. 2, por Marcos e Elisio da S. Mattos.

3.ª PARTE

«Um sarau improvisado» a proposito comico, heroico carnavalesco, feito para rapazes e por eles representado, comedia em 1 acto,

4.ª PARTE

Seleção da opera Boémia, do maestro Puccini.

Dulce, valsa de José da S. Matos.

Hic et nunc! ordinario de Sousa Moraes.

Hino academico.

Portuguesa, pela tuna.

Falecimentos

Com 74 anos, faleceu, na passada semana, a sr.ª D. Justina Pereira Mendes, irmã dos srs. Padre Antonio Pereira Mendes e Joaquim Pereira Mendes, digno comerciante desta praça.

— Tambem na sexta-feira passada, pelas 6 horas da manhã, faleceu, no hospital da Misericórdia, o sr. Tomé de Passos Barreto, digno ajudante do Registro Predial.

Era natural de Viana do Castelo e contava aqui muitas sympathias.

No Centro Republicano, onde o finado era sócio, esteve a bandeira a meia haste.

— Igualmente faleceu, pelas 5 horas da manhã, de segunda feira, a sr.ª Eulália Augusta Pereira, esposa do sr. Francisco Pereira, (Canário), fabricante de calçado.

A's familias enlutadas, o nosso pezar.

APROVEITEM!

Importante e vantajosa venda

Está a demolir-se a praça de touros da FEIJOEIRA, vendendo-se lenha e madeira por preços baratissimos.

Quem pretender dirija-se áquele local, desde hoje em diante, onde se vende qualquer quantidade.

Guimarães, Fevereiro de 1912.



Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prosa, seja como for—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

CARTA ABERTA

AO

Ilustre Ministro das Finanças

Cidadão, redactor da *Alvorada*:

No proximo número do seu conceituado jornal peço a inserção da seguinte carta:

Sr. Ministro:—No dia 7 do mês de Dezembro pp., publicou este semanário uma local dirigida a V. Ex.^a, a fim de ser ordenada uma sindicancia aos actos do pessoal dos impostos, neste concelho de Guimarães, e especialmente ao sub-chefe dos mesmos Narciso Escovar da Costa Araujo, pois natural era que, estando nós num regimen democratico, cuja Igualdade e Fraternidade sempre pré-gou, quer em comícios publicos, quer na imprensa, por nenhuma forma se poderia consentir que funcionarios públicos a quem o Estado paga bons ordenados, estivessem a desfalcar os cofres do tesouro, como estava acontecendo com este individuo, nas condições em que V. Ex.^a vai ter occasião de vêr no extracto desta carta.

Alguns dias depois, lêmos nos principais diários do Porto e Lisboa que ia ser feita uma sindicancia aos actos do pessoal dos impostos, em Guimarães, noticia que nos encheu de contentamento, por vêrmos que V. Ex.^a achou justas e inadivels as nossas reclamações. Em 19 do referido mês recebemos nós, sem estranhês, uma intimação do administrador do concelho, a fim de, no dia seguinte, comparecer-mos naquella administração para depôr num relatório de sindicancia. Uma vez ali, e na presença do sr. Joaquim da Fonseca Monteiro, inspector da fiscalisação dos impostos no distrito de Braga, deposemos durante 3 horas e 45 minutos, depois de nos declararmos autores da local, prontos a minuciosa e comprovadamente sustentarmos as nossas acusações, trabalho que encheu umas seis paginas de papel. Ao retirarmo-nos, perguntamos ao syndicante se era por ordem de V. Ex.^a que ele ali se encontrava, respondendo-nos afirmativamente, dizendo ao mesmo tempo que ia proceder ao assunto com todo o rigôr e justiça, concluindo nós por lhe dizermos que era isso que esperavamos, porque preciso se tornava pôr termo a capa dos abusos com a queda desse regimen de delapidações— a monarquia.

Passados que foram, porém, alguns dias, principiou a circular pela cidade que a sindicancia nada tinha provado que compromettesse o chefe Araujo.

Não fizemos, a principio, caso disso; mas vendo que o boato se ia avolumando bastante, tratamos de inquirir da sua veracidade, vindo a confirmar-se o que se dizia. Não descuramos o assunto, visto que ele tinha partido da nossa iniciativa, e, indo informar-nos oficialmente, soubemos, então, que

o syndicante tinha feito o relatório ao paladar do syndicado, e que até a nota do imposto do vinho verde e maduro, que ele tirou no arquivo da repartição de fazenda, foi feito *ad-hoc*. Não obstante, ainda conseguimos saber que a Fazenda teve no imposto do vinho verde, só no ano findo, um prejuizo aproximadamente de **dois milhões de litros**, ou sejam perto de **oito contos de réis**, o que se provou com a nota do rendimento do imposto municipal, que orçou num total de 3:461:692 litros, que ao preço de 4 réis prefaz a linda soma de **13:846\$768 réis**.

E porque é que a Fazenda teve aquele prejuizo? E' precisamente, Ex.^{mo} Ministro, devido á empenhoca e ao favoritismo, retribuidos com presentes por festas de ano, que este funcionario dava umas avenças miseraveis aos maiores taberneiros e donos de vendas particulares, que, por serem na sua maior parte titulares, se extorquia assim o tesouro publico para encher a bolsa a esses contribuintes. Emquanto, Ex.^{mo} Ministro, isto se dava com os *grandes*, os pequenos eram cada vez mais sobrecarregados com agravamento de avenças. E quando, como acima dizemos, o prejuizo no ano findo atingiu perto de oito contos, em que o vinho verde se vendeu a 40 e 50 réis o litro, que teria sucedido no ano transacto, em que se vendeu a 20, 25 e 30 réis?!

Como, Ex.^{mo} Ministro, ainda não tivemos o prazer de lêr que o referido relatório tivesse dado entrada na Direcção Geral da Contribuição e Impostos, apesar de ele já ter sido organizado ha mais dum mês, tudo leva a crêr que houve *coisa*, e por isso, Ex.^{mo} Ministro, daqui bradamos para que se esclareça a verdade. E se essa sindicancia não tiver produzido o resultado que se esperava, deve V. Ex.^a mandá-la anular, nomeando pessoa de inteira confiança desse Ministerio, que seja completamente extranho ao pessoal dos impostos neste concelho, para proceder a novo interrogatorio, pois que, do contrario, continuaremos aqui sempre gritando por justiça, justiça e justiça! pois que este funcionario não pôde nem deve aqui continuar por mais tempo a administrar um concelho que tem 81 freguezias e mil quinhentos contribuintes do imposto do rial de agua.

Presentemente estão quasi todos esses contribuintes desavençados, em virtude dum officio que veio da tesouraria de Braga, ordenando para se aumentarem ás avenças 10 % e fazê-las de harmonia com o imposto da Camara. De modo que o referido sr. Araujo, querendo recuperar o perdido, pede um imposto excessivo, que os contribuintes não lhe podem pagar. Isto succede com os pequenos apenas, pois que os grandes auferiam umas avenças quasi de graça e pouco mais lhe foi aumentado.

Pelo nosso proceder estamos sendo odiados injustamente, pois

sempre dissemos e continuamos dizendo: Faça-se justiça e estabeleça-se a Igualdade para todos. E' isto que pedimos a V. Ex.^a, certos de que as nossas humildes palavras encontrarão eco na alta competencia dum ministro da Republica.

Corredoura—Guimarães, 31 de Janeiro de 1912.

Manoel da Silva Leite.

✕. R.—A proposito da seriedade com que se procedeu á sindicancia ordenada superiormente pelo Ex.^{mo} Ministro do Fomento, e de que fôra encarregado o sr. Joaquim da Fonseca Monteiro, inspector da fiscalisação dos impostos em Braga, havemos de falar, pois é nossa opinião que se a ela presidiu um criterio de independencia e de ampla justiça, ao publico deve ser dada satisfacção para se julgar da veracidade das acusações que motivaram a sindicancia e das medidas de saneamento que forem tomadas, no caso de se haver prevaricado.

Da «Republica»

Este diário da capital, entrevistando o nosso conterraneo dr. Alfredo Pimenta, tem para elle estas palavras de justiça:

Alfredo Pimenta, com todo o seu trabalho de cerebração e de estudo, que o teem distinguido entre uma geração de madraços e de incultos, constitue um quasi exemplo de actividade mental e de rara energia intelectual. Ainda em Coimbra, e enquanto os seus contemporaneos, pelos logares de aventuras, cultivavam ou a arruaça ou o amor ruidoso, elle ficava na pobre salita da sua «república», e, durante toda a noite, deixava que o seu espirito mergulhasse na obra dos mestres.

Na rua passavam, numa evocação, os ruidos dos bandos que abalavam para o luar do Mondego, cantando, amando—assobiando—aqueles cinco anos estopantes de erudição e sebenta. E elle, indifferente áquilo tudo, continuava entre os seus livros, como se só para elles vivesse.

E foi assim, em plena efervescência boémia e entre as mil tentações coimbrãs da esturdia, que elle preparou a sua mentalidade para uma futura leitura mais substanciosa.

Então, numa sêde de estudo, nada lhe é indifferente, e lê, e anota e assimila. Aos 28 anos é já quasi—um erudito. E', em todo o caso—alguem, e a sua opinião traduz sempre um seguro criterio e um raciocinio inteligente.

Alfredo Pimenta é, como se sabe, professor do liceu de Passos Manuel. E, já que um acaso de reportagem me levou até ao interior daquele estabelecimento escolar, eu não quero, já agora, ir-me sem lhe fazer uma pergunta que ha muito tempo anda no ar: «O que deve ser o nosso ensino em Portugal?»

E numa exposiçào intelligente o nosso amigo diz optar—*pelas escolas industriais e agricolas, em vez de liceus*, pois entende que á febre de bachareis, é mister opôr as carreiras das industrias, commercio e agricultura.

A Republica em Vizela

O Centro Republicano da vizinha povoação, solenizando a passagem memoravel do *31 de Janeiro*, distribuiu 20 fatos completos a crianças pobres de ambos os sexos, precedendo esta distribuiçào uma sessão solene.

Usando da palavra o cidadão presidente daquele Centro dr. Antonio Portas, pôs em relevo o

significado daquela data de resgate e brio nacional, exalçando o sacrificio dos precursores dessa jornada revolucionaria que foi o batismo de sangue da Republica—triumfante 21 anos depois. Dirigindo-se, por ultimo, ao coração das crianças, incitou-as a amar a Republica, vendo nela um regimen, onde, dentro do ambito da fraternidade social, se amparam e guiam com amor os simples e humildes.

Algumas senhoras generosa e gentilmente se prestaram a confeccionar os vestidos das meninas, sendo encantador o ár alegre e satisfeito dos 20 contemplados, que, sabemos, foram cuidadosamente seleccionados entre os mais pobres.

Parabens aos nossos correleigionarios.

Editos de 30 dias

(1.^a Publicaçào)

Pelo juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de trinta dias, que se começarão a contar depois da segunda e última publicaçào deste anuncio, citando o credor Augusto Alves Teixeira, casado, proprietario, do logar das Vinhas, freguezia de Santa Comba de Regilde, da comarca de Felgueiras, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de Bento da Cunha Salgado e mulher Angelica Maria da Conceição Mendes, moradores que foram no logar do Ribeiro da Ponte, freguezia de Polvoreira, desta dita comarca; isto sem prejuizo do regular andamento do mesmo inventario.

Guimarães, 30 de Janeiro de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Manuel Antonio Pinto de Rezende.

O escrivão do 5.^o officio,

Eduardo Pires de Lima.

EDITAL

(1.^a Publicaçào)

Comissão Administrativa da Camara Municipal de Guimarães

O benemerito fundador do Instituto de Cegos, e Cidadão Branco Rodrigues, dignou-se oferecer a esta Municipalidade um logar naquêlê estabelecimento educativo para nêlê ser internada uma criança do sexo masculino, dêste concelho, que tenha mais de 6 anos de idade e menos de 12 e que se reconheça ser filho de pais pobres. Ao internado, será fornecido sustento, vestuario e educaçào até á sua maioridade, tornando-se assim um ente util a si e á sociedade.

A Comissão Administrativa da Camara Municipal, previne por este meio, todos os seus municipios que tenham filhos nas condições aludidas, a apresentarem, na secretaria municipal, dentro do praso de 30 dias, a contar da data dêste, os seus requerimentos instruidos com os seguintes documentos: certidão de idade, atestado de pobreza e do medico em que se prove ter sido vacinada.

Guimarães, 7 de Fevereiro de 1912.

E eu, João de Sousa Dias, escrivão interino, o subscrevi.

O Presidente,

José Pinto Teixeira de Abreu.

DIVÓRCIO

Por sentença de 15 do corrente mês de Janeiro, proferida no processo de acção de separação de pessoas e bens, intentada por D. Ana Gomes Pereira, proprietaria, actualmente residente na freguezia de S. Pedro da Torre, da comarca de Valença do Minho, contra seu marido Joaquim Cardoso, proprietario, da casa da Sé, freguezia de Unhão, da comarca de Felgueiras, foi a mesma separação convertida em divórcio, que será para todos os efeitos legais equiparado ao divórcio litigioso, de harmonia com o disposto nos artigos 46, 47 e 64 do Decreto de 3 de Novembro de 1910, o que se faz publico em cumprimento da ultima parte do § unico do referido artigo 46 e por já ter tranzitado em julgado a dita sentença.

Guimarães, 27 de Janeiro de 1912.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 4.^o officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

Vende-se

Um carrinho, garra-no e arreo, junto ou separado.

Dirigir ao solicitador Pimenta.

ALUGAM-SE

Um escritório com o n.º 100 e uma cocheira com o n.º 96, na rua 31 de Janeiro, desta cidade.

Vende-se a casa nobre n.º 45—S. Bento—

Dirigir ao solicitador Pimenta.

EDITAL

(2.^a Publicaçào)

A Comissão Administrativa da Camara Municipal deste concelho de Guimarães

Faz publico que todas as pessoas que usem instrumentos de pesar ou medir, no commercio ou industria, são obrigadas, pelo decreto de 1 de Julho de 1911, a adquirirem em cada lote de pesos, mais 250 gramas num só peso e 125 gramas tambem num só peso, e em cada lote de medidas de capacidade, mais uma de 114 de litro (2,5 decilitros) e outra de 118 de litro (1,25 decilitros);

que, as cervejarias, cafês, restaurantes, casas de pasto, hospedarias e hotéis são obrigados a ter uma colecção de medidas aferidas e conferidas todos os anos, para a venda de liquidos.

As vacarias e leiteiras tambem são obrigadas a ter uma colecção de 112 litro a 1,25 decilitros;

que, depois d'este edital é prohibido ás tabernas vender vinho medido pelas canecas de faiansa, copos de vidro, ou qualquer outra vasilha, sob pena de multa de réis 20000 pela 1.ª vez, 40000 réis pela 2.ª e 100000 réis por cada reincidencia. O vinho será sempre medido pela medida legal, ou então, devem adquirir medidas de vidro aferidas e autorizadas por lei;

que, é prohibido medir cereais por copos de barro e os legumes tais como a batata, não sendo permitidas as medições de cogulo. As nozes, castanhas, etc., serão vendidas a peso;

que, mais é prohibido usar cantaros de medição de qualquer liquido de almude e 112 almude, bastando só a simples detenção dos mesmos nos estabelecimentos, para serem multados os infractores. A fabricação, introdução ou venda destas medidas será punida com a multa de 100000 a 1000000

reís e de 10 a 50 dias de prisão e o seu uso será punido com a multa de 20000 a 200000 réis e 3 a 15 de prisão;

que, é prohibido vender ao publico medidas ou pesos que não tenham a punção da aferição que certifique a sua legalidade;

que, o afilamento de todos os instrumentos de pesar e medir é normalmente feito nos meses de Maio e Junho e a conferição das medidas de capacidade será feita no mês de Dezembro do corrente ano. Tanto a afe-

rição como a conferição é obrigatória todos os anos;

que, todos os instrumentos de pesar e medir, devem ir á officina da aferição, para aferir e conferir, todas as vezes, salvo, se os comerciantes preferirem que esse serviço seja feito nos proprios estabelecimentos o que a lei lhe faculta;

que, para mais esclarecimentos, todas as pessoas se devem dirigir á aferição de pesos e medidas, sita na rua de Francisco Agra, n.º 95, ou ao domicilio do aferidor, das 10 ás 14 horas

de todos os dias uteis, onde haverá deposito de todas as medidas e pesos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que serão afixados nos logares mais publicos da cidade e concelho.

E eu, João de Sousa Dias, amanuense servindo de secretario da Camara o subscrevi.

Guimarães, 29 de Janeiro de 1912.

O Presidente da Comissão,

Teixeira de Abreu.



LOJA DO BENJAMIM

DE **Benjamin de Mattos** — Toural, 105 — **GUIMARÃES**

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão; fazendas brancas e miudezas, malhas e perfumarias.

A casa que tem melhor sortido e que mais barato vende todos os seus artigos

RENDAS—Bordados a pezo e ás peças—Lenços e Echarpes de seda—Pannos para enxovaes etc.

Sabonetes marca BENJAMIM e PRINCEZA a 100 e 60 réis.

Sempre saldos de occasião



ATTENÇÃO—Por causa dos falsificadores de taboetas, publica-se a photogravura do chefe da casa, para evitar confusões.

Correspondente das principaes fabricas de Bicycletes, camaras d'ar, pneumaticos e todos os accessorios para Bicycletes.—PREÇOS BARATISSIMOS

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras. Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e comunicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão